

APROXIMAÇÕES FILOSÓFICAS E HISTÓRICAS ENTRE A TEOLOGIA DA EDUCAÇÃO E A PEDAGOGIA SOCIAL

*Klyvia Larissa de Andrade Silva Vieira **

*Sueli Ribeiro Mota Souza ***

RESUMO: O presente artigo apresenta um recorte histórico da Teologia da Educação em seus fundamentos filosóficos e pedagógicos. Nesse sentido, apresentamos os fundamentos que aproximam a Filosofia e a Teologia na compreensão da realidade. As práticas educativas estão presentes na história da humanidade e na sua relação existencial e transcendental. Assim, a Teologia da Educação presente na religiosidade da igreja cristã elabora um fundamento educativo, com vistas à propagação e manutenção de sua profissão. A Pedagogia Social compreende que práticas educativas não são exclusivas de espaços formais de educação. Assim, objetivamos fomentar uma reflexão dos aspectos educativos que estão presentes na história e nos pressupostos filosóficos na religião e na religiosidade.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia. Teologia. Teologia da Educação. Práticas Educativas.

PHILOSOPHICAL AND HISTORICAL APPROACHES BETWEEN THE THEOLOGY OF EDUCATION AND SOCIAL PEDAGOGY

ABSTRACT: This article presents a historical outline of the Theology of Education in its philosophical and pedagogical foundations. In this sense, we present the foundations that bring Philosophy and Theology together in the understanding of reality. Educational practices are present in the history of humanity and in its existential and transcendental relationship. Thus, the Theology of Education present in the religiosity of the Christian church elaborates an educational foundation, with a view to the propagation and maintenance of its profession. Social Pedagogy understands that educational practices are not exclusive to formal education spaces. Thus, we aim to encourage a reflection on the educational aspects that are present in history and in the philosophical assumptions in religion and religiosity.

KEYWORDS: Philosophy. Theology. Theology of Education. Educational. Practices.

* Doutora em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc, da Universidade Estadual da Bahia-UNEB, professora Assistente do Departamento de Educação, Ciências Humanas e Linguagens-UESB. E-mail: larissa@uesb.edu.br / Orcid 0000-0001-9884-7719

** Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, professora/pesquisadora Plena da Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Atuando no Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (Campus I) da Universidade do Estado da Bahia- UNEB. Pesquisadora no campo das Ciências Sociais e Educação. Grupos de pesquisas: 1. Educação Desigualdade e Diversidade e 2. Pesquisa sobre Pensamento e Contemporaneidade - Linhas de pesquisas: Educação; a ressurgência do sagrado; a emergência da alteridade e desigualdades sociais. E-mail: sumota.uneb@gmail.com / Orcid 0000-0003-2462-200x

INTRODUÇÃO

A realidade, via de regra, vem sendo compreendida, sob duas perspectivas: uma perspectiva lógica, racional, da “gnose”, portanto filosófica; e outra perspectiva da revelação, da fé, da epignose, portanto teológica. A busca existencial acentua essa compreensão, a intenção da mesma.

Um caminho não invalida o outro...embora o conflito epistemológico a respeito dessa cisão e/ou união acalorou-se por tempos a fio.

A Filosofia é a história do pensamento e a História se revela num gradativo desdobramento da verdade, da mesma forma, no final, a religião e a teologia estão relacionadas à Filosofia, pois só é possível conceber-se a existência de Deus no sentido de seu desdobramento histórico. (GRENS e OSOLON, 2003, p38)

Filosofia é reflexão e interpretação da realidade num sistema lógico, buscando a causa motriz. A Teologia (*theos, Deus; logia, estudo/tratado*) significa etimologicamente o estudo sobre Deus. No entanto, desde que Ferecídes de Siro¹ cunhou esse termo, sua ramificação vem tomando uma expressão cada vez maior e seu estatuto científico vem se consolidando na Filosofia e Ciências da Religião (ANDRADE, 2002).

O conhecimento filosófico de Deus é esforço da Metafísica e da Antropologia Filosófica (PEDROSO, 1987), é o apelo à transcendência que movimenta as inclinações naturais do ser humano – *quem sou, onde estou, para onde vou*. Esse provém da razão, já o conhecimento teológico de Deus provém da revelação, erigida numa perspectiva dogmática, apologética e ética.

Destarte, tanto um conhecimento quanto outro, tanto uma interpretação quanto outra é movida por uma ação educativa; uma situação ora de ensino e aprendizagem – alguém/algo que ensina e que aprende.

A Teologia, ao penetrar no conhecimento profundo de Deus, apropria-se do conhecimento filosófico e o ressignifica:

O pensamento conclusivo cunha conceitos bem afiados, mas mesmo estes não são capazes de abranger o incompreensível, distanciando-o pelo contrário, de todo o termo conceitual. Mais do que o caminho do conhecimento filosófico, oferece-nos o caminho da fé: o Deus da proximidade pessoal, o amante misericordioso, é uma certeza que não é própria a nenhuma cognição natural. Mas também o caminho da fé é uma via escura. O próprio Deus sintoniza sua linguagem com regras humanas, para fazer-nos entender mais o incompreensível. (STEIN, 1982, p.49)

Nesse sentido, a Teologia é o caminho de reflexão das relações de Deus com a humanidade em sua existência e transcendência, por assim dizer, em movimentos pedagógicos. A moral judaico-cristã se insere no processo de transmissão dogmática e doutrinária, seja na tradição oral e/ou registrada por uma dimensão educativa.

¹Ferecídes de Siro, (600 - 520 A.C.) é um filósofo grego pré-socrático. Filho de Babys e natural da ilha grega de Siro, foi um discípulo de Pítaco, e Diógenes Laércio coloca-o no grupo dos Sete Sábios da Grécia. Descrito por Aristóteles como um teólogo que misturava filosofia e mitologia, ensinava numa gruta da sua ilha natal, ainda hoje visitável. Para maiores informações, conferir <http://literaturafilosofiauniversal.blogspot.com/2018/12/ferecides-de-siro-600-520-ac.html>.

Esse conhecimento teológico-filosófico é apropriado, construído, revelado, teorizado e perpetuado por ações educativas com vistas à mudança de comportamento e produção de sentido de grupo.

Um grupo socialmente organizado estabelece padrões, princípios, valores, normas, condutas, ética, ancorados na revelação bíblica da vontade divina. A essa normatização articula-se o conceito de religião:

Para Hegel, portanto, a religião é, no final das contas, pensamento no sentido de que concentra-se no conhecimento de Deus. A religião e a Filosofia buscam apresentar a mesma verdade, mas de maneiras diferentes. A religião apropria-se da verdade na forma de imagens e representações, enquanto a Filosofia capta a mesma verdade em sua “necessidade racional”. A Teologia também acaba sendo um conhecimento filosófico, pois ela vai além das imagens encontradas na religião na busca por um conhecimento de seu significado universal e filosófico. (GRENZ E OLSON, 2003, p.38)

A religião é uma constituição social de grande importância (Berger, 1985), um *religare* da natureza humana ao seu sentido existencial. E essa ação *socializante* é resultado de ação de quem *ensina* para uma sociedade que *aprende, produz, reproduz e ressignifica*.

Essa dinâmica assegura a existência das relações interpessoais e dos constructos teóricos, culturais, normativos, num movimento de perpetuação.

Se a religião é veículo socializador ou ressocializador, isso se dá fundamentalmente porque conduz a formação de motivos e disposições para vida, relativo ao *éthos* que lhe é próprio. Compreender essa capacidade da religião enquanto modelo para exige que atentemos pra seus efeitos como ideias ou representações, como também sua ação sobre as experiências que as pessoas vivenciam cotidianamente. (SOUZA, 2012, p. 119)

Nesse sentido, a Teologia também apresenta um caráter de transposição didática de seus pressupostos teórico-filosóficos e pragmáticos, a fim de promover a socialização e legitimação em sua defesa. São atos, institucionalizados ou não, que promovem apropriação de seus fundamentos e produzem comportamentos.

A educação, assim, teria a finalidade de desenvolver plenamente o ser humano em sua completude existencial, seja de forma física, moral, intelectual e espiritual (ANDRADE, 2002).

Como campo aplicado da ciência teológica, a Teologia da Educação, busca fundamentar biblicamente a docência na tradição eclesial, bem como as suas ações educativas enquanto igreja. É, também, o campo especializado dessa ciência que se ocupa por entender os processos educativos históricos e filosóficos nas práticas da religião e da religiosidade.

Nesse sentido o ato educativo é uma ação que constrói um *éthos*:

Na pedagogia do rito, o espírito da lei imprime-se em atos prescritivos compartilhados pela comunidade e transmitidos de geração a geração, retirando-se do sujeito a primazia na constituição do sentido. Não é o sujeito que fala pelo rito, é este quem o inicia na linguagem do Eterno. Há uma similitude estrutural entre o caráter prático², prescritivo

²Ser humano **prático** é aquele que faz movimentar a História com sentido e com significado; é ser humano que faz cultura, é ser humano ativo no exercício da criação, da expressão e da busca da liberdade; é ser humano que se revela crítico na tomada de decisão e de oposição; é ser humano que resolve problemas; é ser humano ético e solidário (CARVALHO, 2011). Disponível em:

<https://www.dicionarioinformal.com.br/pr%C3%A1xico/#:~:text=Ser%20humano%20pr%C3%A1xico%20%C3%A9%2>

e interpessoal do rito e o da relação ética, cuja memória aquele deve reatualizar. (SANTOS, 2016, p. 29)

Igreja, sua natureza e missão

A igreja é o *locus* da Teologia da Educação. É nesse e/ou para esse espaço que a educação teológica produz seu artefato didático, pedagógico e teórico para um grupo *chamado para fora*³.

Essa condição *eclesiástica* promove um comportamento que define um grupo social, que tem valores normativos e comportamentais erigidos sobre os preceitos bíblicos, numa visão cristocêntrica.

Nessa visão perpassa a mensagem veterotestamentária e neotestamentária, apontando a revelação para o propósito da mensagem e vida de Jesus Cristo: o *Verbo* que se fez *carne*. Cristo, assim, seria o centro da igreja “Também Eu te digo que tu és *Pedro*, e sobre esta *pedra* edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (MATEUS 16:18⁴).

Nesse sentido, o discurso de Jesus traria o fundamento organizacional de igreja, ao utilizar dois vocábulos de mesma origem, expressando a dimensão exata da revelação: Cristo é o centro (*Petra*, pedra), rocha inabalável; *petros* (*Pedro*) é fragmento da rocha.

Os fundamentos de uma igreja cristocêntrica são estabelecidos no período neotestamentário⁵, com as seguintes características: a) *Igreja visível e invisível*: é só um organismo que não depende dos títulos e das denominações existentes. E poderia ser compreendida mediante os seguintes aspectos, segundo Armstrong (1994).

a) A igreja visível refere-se às localidades, templos, reunião de pessoas num certo lugar; invisível é representada pelo povo de Deus na superfície da Terra; b) *Corpo universal de Cristo* é a igreja comparada a um corpo humano que tem por cabeça Jesus. Possui diversos órgãos e muitos membros, que estão harmoniosamente em relação para um bom funcionamento do corpo; c) *Igreja local* caracteriza a visibilidade da igreja, expressada em sua forma comunitária, como herança dos apóstolos, com os mesmos ideais de vida e as mesmas expressões de fé; d) *Igrejas domésticas*, como não havia templos cristãos no primeiro século da Era Cristã as reuniões eram realizadas nas casas (ARMSTRONG, 1994).

A igreja e a educação cristã

Brandão (1985), numa leitura clássica, nos traz uma amplitude do conceito de *educação*, expandindo-o aos vários segmentos sociais:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar,

0aquele, resolve%20problemas%3B%20%C3%A9%20ser%20humano

³ O termo *igreja* é composto da preposição *ek*—“fora de” e do verbo *kaleō* “chamar”, produzindo o sentido de *ekklēsia*, um grupo “chamado para fora”. Corresponde literalmente a uma convocação para fora de suas casas, mediante o soar de uma trombeta, a fim de promover uma assembleia.

⁴Todas as citações bíblicas são da BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida na grafia simplificada. 2. ed. São Paulo: Geográfica, 2001.

⁵ Período de início da igreja primitiva, em Atos dos apóstolos.

para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 1985, p.07)

Nessa perspectiva, a educação está presente nos mais variados setores sociais, na medida em que conduz de um estado a outro, modifica numa certa direção o que é suscetível de educação, a partir de uma necessidade individual ou de um determinado grupo:

O ato pedagógico pode, então, ser definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais, tanto no nível do intrapessoal como no nível da influência do meio, interação essa que se configura numa ação exercida sobre sujeitos ou grupos de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos desta própria ação exercida. (ARANHA, 2000, p. 50)

O ato educativo acontece nos mais variados espaços, onde há um processo de socialização, de interesse mútuos, de preservação e permanência da memória, de transmissão e (re)construção por ações pedagógicas. Esse ato não está restrito ao espaço escolar, é assim caracterizado como uma *Pedagogia Social*, que acontece em *espaços não-escolares*.

Os indícios da Pedagogia Social remetem ao final do século XIX, com a função de ajudar na amenização dos danos causados pelos prejuízos sociais. Ao longo dos anos, esse campo vem tomando consistência e adentrando no discurso acadêmico, na perspectiva investigativa e da produção do conhecimento.

A Pedagogia Social, nessa dimensão, se consolida numa ciência pedagógica, que assume uma defesa de educação democrática, ao envolver agentes diferenciados: espaço escolar, família, instituições religiosas, políticas de estado e de governo, espaço midiático, entre outros, considerando a realidade histórico-social, numa iteração pedagógica e sociológica.

Ao abordarmos sobre o significado da Pedagogia Social, nos reportaremos inicialmente ao sentido da palavra Pedagogia, que teve sua origem na antiga Grécia, na qual *paídós* significa criança e *agogé* condução. Percebemos que durante o percurso histórico a Pedagogia foi direcionando-se para a ciência de ensinar. Quanto às especificações que caracterizam a Pedagogia Social consideramos que trata-se de uma teorização da Educação Social que é área da Ciência da Educação. Ela está estritamente ligada a Educação Popular, a sociocomunitária e as práticas de Educação que ocorrem em instituições distintas. Neste sentido a Pedagogia Social atua em todas os espaços e em todas as relações de vida. (SANTOS; MARTINS, 2016. p. 11)

A Pedagogia Social (PAULA, MACHADO, 2009) tem sido alvo de pesquisas, uma vez que se configura na ação teórico-prática, socioeducativa, de educadores e agentes sociais, envolvendo a Educação e a Sociedade.

Essa ação educativa não é restrita ao ambiente escolar, antes acontece em diferentes ambientes não formais de educação, cuja finalidade é minimizar os problemas sociais por meio de ações educacionais, bem como proporcionar a conservação da memória e expressão cultural da sociedade (SANTOS; MARTINS, 2016).

A Pedagogia Social é uma ciência pedagógica, de caráter teórico-prático, que se refere à socialização do sujeito, tanto a partir de uma perspectiva normalizada como de situações

especiais (inadaptação social), assim como aos aspectos educativos do trabalho social. Implica o conhecimento e a ação sobre os seres humanos, em situação normalizada como o que faz referência à ciência da educação social das pessoas e grupos, por um lado, e, por outro, como ajuda, a partir de uma vertente educativa, às necessidades humanas que convocam o trabalho social, assim como ao estudo da inadaptação social (ANDRADE, 2002, p.2)

A Pedagogia Social, no segmento religioso, é construída a partir de movimentos missionários das igrejas norte-americanas do “protestantismo de missão”, no início século XIX, com a construção e sistematização do ensino em escolas, faculdades e universidades (CALVANI, 2009, p.55).

As Igrejas Presbiterianas, Batistas e Metodistas sempre se caracterizaram, no início de suas atividades no Brasil, por uma forte preocupação educacional. Em pouco tempo, além de comunidades locais, começaram também a organizar escolas ou colégios. Algumas dessas instituições educacionais, hoje, são universidades enquanto outras permaneceram oferecendo apenas o ensino fundamental e médio. (CALVANI, 2009, p. 56)

Dessa forma, compreendemos que a ação pedagógica está imbricada nas ações educativas da igreja, para promover a construção e permanência do *éthos* vivenciado por esse grupo social, conforme afirma Armstrong:

É através da educação que atingimos tanto as crianças como os adultos. É através do ensino que cumprimos a urgente tarefa de tomar discípulos os seguidores de Cristo. É através do programa educacional da igreja local, que, por assim dizer, adicionamos carne aos ossos do esqueleto que se forma quando alguém entrega sua vida a Cristo. (ARMSTRONG, 1994, p.7)

A igreja evangélica⁶, para exemplificar, apresenta, assim, um caráter de *igreja docente* (CARVALHO, 2000), sustentada na ideia do ensino ser uma necessidade da comunidade cristã. Essa função, para o autor, não deveria ser apenas uma mera transmissão de conteúdos, mas se tornar um meio de proporcionar uma visão coerente da vida, do mundo e da história.

As *Escolas Bíblicas*, criadas no século XVIII na Inglaterra, representam a organização educacional das igrejas protestantes/evangélicas. Foram criadas com a finalidade educativa de alfabetizar jovens que viviam nas ruas, e promover um espaço de socialização e formação humana, amparados na leitura bíblica:

Então, apesar de ter surgido como uma proposta não formal de educação e atualmente as mesmas dedicarem-se somente aos estudos bíblicos para os já alfabetizados, as escolas dominicais organizaram-se e possuem uma estrutura institucionalmente fundamentada e voltada a atender à necessidade espiritual dos fiéis. Normalmente, são dotadas de publicações temáticas que discutem desde a leitura e interpretação da Palavra, presente na Bíblia, até as relações dessa leitura com o mundo social no qual se encontram inseridos os fiéis. Em vista disso, é comum encontrarmos inúmeros livros e manuais voltados à formação do professor da EBD, assim como brochuras e revistas que atuam com a função de esclarecer esse professor e/ou mesmo de subsidiá-lo em

⁶ Utilizamos esse termo sem separação de protestantes, pentecostais ou neopentecostais, para nos referirmos ao grupo que professa a fé cristã baseada na igreja primitiva dos Atos dos Apóstolos e nas ideias reformistas.

seu planejamento semanal para atuação nas escolas bíblicas. (SANTOS, 2016, p 157-158).

Nessa perspectiva, a Pedagogia Social contribui para o entendimento da ação educativa no ambiente religioso, favorecendo a perpetuação dessa confissão religiosa, na disseminação dos seus princípios.

Todas as discussões e pressupostos para uma ação educativa promotora de emancipação do pensamento, participação social crítica e ativa, convergem para o exercício de um pensamento libertado. E, importante salientar que não estamos, nesse momento, nos ocupando da intencionalidade das práticas educativas no campo religioso. A educação está presente nos mais variados setores sociais. Ela pode ser um instrumento de mudança, transformação, alienação, conformismo, controle. Não se trata apenas de uma educação institucionalizada, mas de uma educação formadora de personalidades e comportamentos... uma educação *que conduz de um estado para o outro*.

A igreja, nessa dimensão, está constantemente envolvida por atos pedagógicos e a educação é um fator vital para a continuação dessa ao longo dos tempos. O preceito bíblico de ensinar, enquanto um imperativo (“*Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações*”), seria de extrema necessidade e importância para a sobrevivência da igreja (ARMSTRONG, 1994).

A educação cristã é “vista como” a prática existencial da mensagem para expansão e continuidade da igreja, bem como o fator essencial para a formação dos seus sujeitos, na construção do seu *éthos*.

Nesse sentido, a ação educativa de socialização se configura

[...] onde a atualização das potencialidades da pessoa, ocorre graças as influências formativas recebidas do meio externo, ressaltando que o ser humano não vem ao mundo “acabado”, mas como um ser sociável e educável, sendo fundamental o papel da comunidade na constituição da pessoa. (TEIXEIRA, 2016, p. 05)

A Teologia da Educação

A teologia da educação encontra seus primórdios em três passagens bíblicas, que fundamentam a educação cristã (ARMSTRONG, 1994):

1) Deuteronômio 6: 4-9: apresenta as instruções que Moisés, antes de sua morte, deixa ao povo hebreu para transmitir a seus filhos e às gerações posteriores o que Deus havia feito por eles. Era necessária a preservação e transmissão da fé: mandamentos, história, promessas e os princípios que modificavam a vida. Assim, o *Shemá*⁷ foi a base educacional dos hebreus/judeu.

⁷Shemá Israel (em [hebraico](#) שמע ישראל; "Ouça Israel") são as duas primeiras palavras da seção da [Torá](#) que constitui a profissão de fé central do monoteísmo judaico ([Devarim](#) / [Deuteronômio](#) 6:4-9) no qual se diz שמע ישראל יהוה אחד יהוה אחד (Shemá Yisrael Ado-nai Elohénu Ado-nai Ehad - Ouve Israel, ADO-NAI nosso Deus ADO-NAI é Um).

Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Shem%C3%A1_Israel. Para maiores informações conferir <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/24148/17345>.

2) Lucas 6:40: a responsabilidade do discípulo fazer outros discípulos é apresentada no registro histórico de Lucas, de forma instruída e aperfeiçoada.

3) Efésios 4:12: o ofício do mestre é apresentado tanto em seu aspecto organizativo quanto para o aperfeiçoamento da igreja, com vistas ao fator educativo a fim de instruir o povo.

A mensagem educativa do cristianismo, em sua orientação proclamadora do *ide* - fazer discípulos em todas as nações (Mateus 28:18) - estabeleceu um fundamento educador. Assim, a tradição do ensino encontra seu fundamento não apenas na Teologia ou nas ciências da educação, mas na própria orientação neotestamentária. Ao ensinar, faz-se Teologia e toda Teologia é concebida como ensino:

Se deixar de lado sua vocação, a Igreja deixa de ser Igreja. Conclui-se que a Teologia da Educação Cristã não é um simples acessório eclesiástico; é algo orgânico: leva a Igreja de Cristo a ser luz do mundo e sal da terra. A Teologia da Educação Cristã é imprescindível à Igreja; leva-a a refletir sobre a sua missão educadora. Como muitos menosprezam, e até ignoram essa tão sublime tarefa da Igreja, faz-se necessário que se teologize sobre o assunto.

A teologia, conquanto pareça especulativa, não deve se perder no movediço e traiçoeiro terreno das especulações; sua missão é levar os fiéis a prestar a Deus um serviço de excelência.

Não basta mostrar as belezas da Teologia da Educação Cristã. É indispensável provar serem estas belezas e proposituras algo prático e aplicável no dia-a-dia da Igreja de Cristo. Como já tivemos oportunidade de ver, a Igreja de Cristo não pode deixar de ensinar nem de fazer teologia. Se ensina, faz teologia; se faz teologia, ensina. Só há uma maneira de a Igreja deixar de fazer teologia e de ensinar: ignorar as incumbências da Grande Comissão, e deixar de ser Igreja. Enquanto a Igreja for Igreja, ela será educadora teóloga. (ANDRADE, 2002, p. 09, 10)

Sua legitimidade, configura-se na possibilidade de comunicação da humanidade com a transcendentalidade “na medida em que a missão educativa da Igreja está no processo pedagógico em vista do enraizamento do ser na fé”. (TEIXEIRA, 2016, p. 06)

Indícios históricos da Teologia da Educação

Desde a mais remota antiguidade, o lar ou a família foi o primeiro lócus da educação. Já no período veterotestamentário, vê-se os indícios de que a educação deveria acontecer no lar.

A educação dos filhos era tema central dos pais, cuja função era instruí-los segundo sua tradição. Para eles a vida começava na família, portanto a educação deveria começar ali. Na cultura hebraica as crianças ocupavam um lugar de destaque⁸.

No tempo de Abraão, a educação espiritual e moral das crianças hebreias era responsabilidade dos patriarcas. Eram estes considerados não apenas os chefes de suas famílias como também o profeta, o sacerdote e o professor do lar. O que mais os caracterizava, porém, era a sua responsabilidade espiritual e pedagógica. (ANDRADE, 2002, p.23)

⁸ A exemplo dos textos de Salmos 127, 128 e Jó 5:25.

Não existiam professores ou pessoas encarregadas da comunicação da fé. As crianças eram participantes de sua comunidade. No entanto, existia uma figura central na educação dos hebreus: o profeta. Ele era uma espécie de líder que falava em nome de Deus, cujo propósito era instruir e/ou corrigir o povo, conforme aponta Armstrong: “O profeta era a figura central na educação nacional, por causa de suas constantes exortações e recordações concernentes ao propósito e vontade de Deus para com a nação israelita e a necessidade de viver uma vida justa e correta.” (1994, p.13)

Os propósitos da educação hebraica consolidavam-se na transmissão da herança histórica e norma de conduta e obediência. Durante toda a existência de Israel, havia uma grande valorização dos acontecimentos passados e da mensagem dos profetas e profetisas⁹.

Era de fundamental relevância que as gerações aprendessem a história de seus antecedentes, da escravidão no Egito, das alianças feitas por Deus com Abraão, Isaque, Jacó e Moisés, bem como do papel relevante de mulheres extraordinárias como Sara, Séfora, Rebeca, Miriam e dos eventos notáveis desse povo.

Outro propósito era que o ensino alcançasse uma alegria de viver. As pessoas deveriam aprender com grande motivação e ter prazer nos ensinamentos de Deus. A premissa central era constantemente o conhecimento de Deus, a adoração e obediência ao Criador: “Como povo que se considera escolhido por Deus para realização de seus propósitos, os hebreus centralizavam seu ensino em Deus, mais do que qualquer outra nação na história dos homens. Os hebreus procuravam viver e ensinar a santidade perante Deus” (ARMSTRONG, 1994, p.14).

O currículo era norteado por três importantes festas do calendário judaico: a Páscoa – início da colheita e comemoração da libertação da escravidão do Egito; o Pentecostes – simboliza o fim da colheita e a chegada dos hebreus no Monte Sinai, onde receberam a lei; a festa dos Tabernáculos – fazia menção ao período nômade de Israel no deserto.

Cada festa possuía um sentido agrícola e histórico e essa tradição era passada nesses acontecimentos.

A Lei, os primeiros cinco livros da Bíblia, os chamados livros de Moisés, constituíam a *Torá*. Traduzida como lei, instrução, era considerada o livro didático dos hebreus e um elemento de extrema importância na educação desses.

Além dos ensinamentos da lei, os israelitas tinham outros ofícios a aprender, como: pastorear ovelhas, trabalhar na agricultura, cozinhar, tecer, música, dança, artesanato, entre outras atribuições.

⁹ “Neste sentido, ainda que todos os textos citados sejam posteriores aos momentos que se propõem a narrar, a figura do profeta era bem conhecida entre os hebreus, até porque, como já mencionamos, o fenômeno do profetismo era amplamente conhecido no espaço e tempo em que se desenvolveu a sociedade israelita na antiguidade (PACHECO, 2014, p.46), com especial semelhança aos textos proféticos neoassírios e de Mari (LIMA, 2012, p. 40-41). Para Max Weber, estes personagens eram heróis carismáticos e solitários, militando uma luta ética a favor do Javismo”. Para maiores informações conferir PACHECO, T. da S. **Profetismo, religião e sociedade no Antigo Israel: formas de organização e conflitos**. Religare, ISSN: 19826605, v.16, n.2, dezembro de 2019, p.615-635

Essa educação pode ser considerada a primeira Teologia da Educação exercida na humanidade (ARMSTRONG,1994).

A educação religiosa do povo hebreu estendeu-se ao povo judeu (o judaísmo nasceu com as reformas de Esdras¹⁰ no século 6 a.C.). A educação hebraico-judaica não chegou a ser formal até a criação da *sinagoga*.

Durante a Diáspora¹¹, a descendência de Abraão, Isaque e Jacó precisa de um lugar para cultuar a Deus e aprender a sua história; essa necessidade gerou uma organização denominada de sinagoga:

O exílio forçou os israelitas a deixar seu templo e sua terra santa, e desde aquela época embarcaram numa longa e árida jornada como nação e raça, tentando sempre manter sua identidade como povo de Deus. Ao encontrar-se na Babilônia sem o templo, sede da relação com Deus, os israelitas tiveram que encontrar uma alternativa para seu sistema religioso, que se concentrava no templo. Tal alternativa tomou a forma de sinagoga local (ARMSTRONG, 1994, p.190).

A ideia de ter centros locais para cultuar a Deus, estudar a lei e ensinar às crianças, foi amplamente disseminada entre os judeus que voltaram para a Palestina e até os dias de hoje os templos judeus são designados por sinagogas.

Se a tradição judaica estiver correta, a maior realização de Esdras, como pedagogo, foi o estabelecimento das sinagogas durante o exílio judaico em Babilônia. Como estivessem os judeus longe de sua terra, distantes do Santo Templo e afastados de todos os rituais do culto levítico, Esdras, juntamente com outros escribas e eruditos, houveram por bem fundar uma escola que funcionasse como lugar de adoração, como local de instrução e alfabetização e como centro de preservação da cultura hebreia (ANDRADE, 2002, p.25).

No começo da época neotestamentária, em cada cidade importante, que possuía uma grande população judaica, havia sinagogas: Jerusalém, Roma, Alexandria, Antioquia, entre outras.

No entanto, o maior destaque era para Jerusalém que, no século III a.C., contava com cerca de 480 sinagogas. Cada comunidade local era servida com uma sinagoga, com uma diretoria composta por três pessoas.

Por ser o local onde se ensinava a Lei, a sinagoga ficou conhecida como a “casa de ensino”, possuindo um local específico e separado para o ensino, onde as crianças estudavam as leis, orientadas

¹⁰ Esdras registrou tais acontecimentos no livro de Esdras no Velho Testamento. Ele foi um estudioso e registrou informações sobre a história dos judeus entre 538 a.C. e 437 a.C. Relata o decreto do rei Ciro, que restaurou a nação de Israel, juntamente com seu culto nacional.

“Foi Esdras um dos maiores personagens da história hebreia. Entre as suas realizações, acham-se o estabelecimento das sinagogas em Babilônia, o ensino sistemático e popularizado da Palavra de Deus na Judeia e, de acordo com a tradição, a definição e fixação do cânon do Antigo Testamento. Provavelmente foi ele também o autor dos livros de Crônicas, Neemias e da porção sagrada que lhe leva o nome” (ANDRADE, 2002, p. 24).

¹¹ Separação de um povo ou de muitas pessoas, por diversos lugares, geralmente causada por perseguição política, religiosa, ética ou por preconceito. [História] Separação do povo judeu que, durante alguns séculos, se espalhou por todo o mundo. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/diaspora/>

por um mestre. Esse mestre ocupava um lugar de honra e respeito, tratava os alunos com respeito e os bons comportamentos eram tratados como exemplo, tanto em casa quanto na sinagoga.

O estudo era sempre extraído das Escrituras Sagradas. O ensino tinha um caráter teórico e prático, a fim de que os estudantes estudassem e praticassem a lei. A repetição de textos grandes era um mecanismo de aprendizagem; na sinagoga os textos sagrados deveriam ser lidos, para que a mensagem original fosse preservada.

O Antigo Testamento registrou a “pedagogia de Deus” em relação a Israel: “Todos os teus filhos serão ensinados no Senhor” (Isaías 54;13), evidenciando o ensino como uma prática indispensável.

Uma progressiva legalização do ensino religioso deu lugar às práticas educativas mecanizadas da Torá, envoltas num emaranhado de conceitos. Esses acontecimentos caracterizaram o período intertestamentário¹², quando o povo de Israel passou a viver sob preceitos que exigiam um esforço penoso do ser humano, respeitando minuciosamente o cumprimento da lei (ANDRADE, 2002).

O rompimento dessa estrutura se consolidará com a realização profética do Velho Testamento, que anunciava a vinda de um Messias ao mundo, personificado em Jesus, o Cristo.

O ensino na educação hebraica e judaica refletia um contexto histórico, demarcado pela rigurosidade da lei e seu cumprimento ora pela coerção social punitiva, ora pelo fator espiritual da desobediência e suas consequências.

No entanto, a prática docente de Jesus, registrada nos evangelhos e nos registros apócrifos e históricos, configura-se numa virada paragnática, com fundamentos que ressignificam o ensino e a prática:

Nos evangelhos, Jesus é identificado como um rabi judeu que exerceu um ministério itinerante de pregação, ensino e socorro aos sofredores (Mt 4.23). Boa parte do material dos evangelhos é constituída de ensinamentos religiosos e éticos, nos quais Jesus se notabilizou pelo uso inteligente e criativo de uma grande variedade de recursos: ilustrações, símiles, dramatizações e as inconfundíveis parábolas. Seus seguidores mais próximos receberam a incumbência de utilizar o método educativo no cumprimento de sua missão: “Ide, fazei discípulos de todas as nações... *ensinando-os* a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (Mt 28.19,20) (MATOS, 2008, p. 11).

É muito provável que Jesus tenha estudado na sinagoga, como os demais meninos judeus. Ele praticava as artes literárias, mostrando sua habilidade em ler com grande autoridade¹³ na sinagoga. Além de todas essas habilidades, o ensino era fundamento marcado em seu ministério. Ele possuía enorme familiaridade com as tradições e leis orais de sua cultura, compreendia a natureza humana e os sentimentos íntimos das pessoas com quem mantinha contato (MATOS, 2008).

Foi o Senhor Jesus, durante o seu ministério terreno, reconhecido como o Mestre por excelência. Afinal, Ele era e é a própria sabedoria. Nele residem todos os tesouros do conhecimento, da sabedoria e da ciência (Cl 2.3). Clemente de Alexandria intitulava-o o Educador por antonomásia. Em pelo menos 60 ocasiões, é o Senhor Jesus chamado de Mestre nos evangelhos. Pode haver maior distinção que esta? Isto, porém, era

¹² Período temporal entre o Velho e o Novo Testamento, datado de 400 a.C.

¹³ Conferir Lucas 4: 16-20.

insuportável aos escribas e rabinos por não terem condições de competir com o Filho de Deus (ANDRADE, 2002, p. 27).

Segundo o autor supracitado, a Pedagogia de Jesus pode ser definida em algumas vertentes: a) *Pedagogia da apresentação* – apresenta os fatos de modo que o próprio ouvinte podia criar seu conceito e fazer sua conclusão a respeito dele; b) *Pedagogia da caminhada* – viajava por vários lugares para levar a palavra de Deus e os seus ensinamentos, de maneira que os mesmos não ficassem restritos a uma determinada localidade (viagens missionárias); c) *Pedagogia da fé* – por destacar que a fé era fundamental no acontecimento de qualquer mudança; d) *Pedagogia de confrontar a prática* – pregava confrontando a realidade contextual, a fim de provocar mudanças; e) *Pedagogia da cruz* – transmitia ao povo vários ensinamentos através de sua morte; f) *Pedagogia do conflito* – enfrentava toda perseguição e pressão política de sua época; g) *Pedagogia da fidelidade* – com o exemplo de vida, mesmo enfrentando adversidades, realizou sua missão, venceu o mundo, cumpriu sua promessa de ressurreição e foi fiel até o fim.

Segundo a tradição cristã, depois da ascensão¹⁴ de Jesus aos céus, seus discípulos ficaram responsáveis pela expansão da fé e de seus ensinamentos. Para esse ato (doutrina do batismo), era necessária uma instrução formal que ajudasse o novo cristão a entender a razão de se batizar. Além do batismo, a educação se tornou um elemento chave para expansão da tradição cristã. Os apóstolos seguiriam com a finalidade de “fazer discípulos”, por atos educativos.

Os ensinamentos do apóstolo Paulo, a exemplo, foram de caráter instrucional, a respeito da prática e da defesa do evangelho e corroboraram a importância do ensino nos seguintes aspectos (ARMSTRONG, 1994): 1) O ensino é essencial para manejar corretamente a palavra de Deus (II Timóteo 2: 14-15; 3: 16-17); 2) O ensino é fundamental para o fortalecimento na fé (I Timóteo 4: 6,11,16; 6: 3-5; II Timóteo 4: 3); 3) O ensino é útil para a estruturação de lares harmoniosos (I Timóteo 6: 1-2); 4) A capacidade para ensinar deve ser uma habilidade indispensável dos pastores e líderes espirituais (I Timóteo 3: 2; II Timóteo 2: 24); 5) O ensino é o grande pressuposto da leitura bíblica, da exortação e da pregação (I Timóteo 4: 13; II Timóteo 4: 2); e, 7) O ensino é apresentado por Paulo como elemento vital para perpetuação da fé (II Timóteo 2: 2).

O evangelho estava em ensinamento e, aos poucos, chega às comunidades gregas, italianas e asiáticas, além das regiões da Samaria, Galileia, Transjordânia e Palestina, entre outras, com destaque aos apóstolos Paulo e Pedro.

Com o passar dos tempos e morte dos apóstolos, a organização da igreja foi, paulatinamente, tomando uma estrutura agora hierarquizada, influenciada por ideais greco-romanos (FERREIRA, 2013).

Nos primeiros séculos da era cristã, a tradição intelectual que se propagava provinha da *Paideia* grega – o ideal da educação grega. O mundo passava por uma grande influência do helenismo. A igreja,

¹⁴ É o retorno de Jesus aos céus, depois de sua ressurreição, segundo a tradição cristã.

por sua vez, responde a esse movimento com os apologistas¹⁵. Esses cristãos delinearão e explicaram a natureza filosófica e intelectual do cristianismo a uma cultura de elementos helenísticos.

Os apologistas, em geral, eram pessoas educadas na cultura clássica e identificadas como líderes da igreja. Os documentos que produziram defendiam a fé cristã das forças¹⁶ internas e externas que tentavam destruí-la.

Em suma, os objetivos dos apologistas eram negar as acusações feitas aos cristãos e conservar as doutrinas tradicionais. As apologias são consideradas como documentos educativos, ao propagar as doutrinas e negar os ensinamentos falsos. “Esses homens defenderam a fé de ataques procedentes dos judeus, dos pagãos e das heresias. Escrita em Atenas, em meados do século II, a *Carta a Diognetofoi* um dos primeiros textos apologéticos” (FERREIRA, 2013, p. 98).

A igreja, ao longo dessa trajetória, e com a separação da igreja cristã do judaísmo, passa por uma necessidade de formalização da educação, bem como uma organização mais definida e delimitação de cargos eclesiásticos e funções.

Segundo Toscano (2001, p. 139), a

História da educação está intimamente ligada à própria história das instituições religiosas. A casta sacerdotal que nas sociedades arcaicas, detinha o poder político ou pelo menos dele participava ativamente, deve ter compreendido de maneira bastante clara, a importância de chamar a si o controle do sistema educacional, por mais informal e limitado que ele fosse.

No modelo societal teocêntrico da Idade Média, a educação era extremamente ligada à religião e aos dogmas sociais impostos pela Igreja. No entanto, encontramos alguns esforços de promover uma teologia da educação, baseada no ensino do evangelho como transformação social (ARMSTRONG, 1994).

Agostinho de Hipona (345-430 d.C.) trouxe contribuições à teologia da educação cristã, ao defender a conciliação da filosofia com o cristianismo, e que o ensino deveria ser um elemento de transformação, centrado na figura do professor como aquele que ensina não apenas por palavras, mas por ações.

Tomás de Aquino viveu no período da escolástica¹⁷. A Igreja estava cuidadosa com os dogmas e o pensamento racional. Aquino, o escolástico de maior projeção, dedicou-se à tarefa de conciliar a teoria aristotélica com os ensinamentos da igreja, mediante uma aliança entre fé e razão, conforme apresentado em sua obra *Suma Teológica*.

¹⁵Recebem esta denominação os pensadores cristãos dos séculos II e III d.C., que se dedicavam à tarefa de escrever apologias do cristianismo. Era preciso, nessa época, defender a nascente doutrina cristã de três correntes distintas que lhe faziam oposição: a religião judaica, o Estado romano e a filosofia pagã. Para maiores informações: <https://www.algosobre.com.br/sociofilosofia/apologistas.html>

¹⁶Religião judaica, o Estado romano e a filosofia pagã.

¹⁷“Podemos dizer, de modo simples, que o objetivo da escolástica era apresentar uma ligação entre fé e razão. Os escolásticos assumiram a tarefa de promover uma estrutura filosófica suficientemente forte para vencer qualquer dúvida que fosse levantada quanto à fé cristã. Queriam demonstrar a um mundo cheio de dúvidas que não existe antagonismo entre fé e razão; que são perfeitamente compatíveis (ARMSTRONG, 1994, p. 55)”.

Os acontecimentos da Renascença, por sua vez, promoveram grandes mudanças sociais. A época do Renascimento, período de renovação cultural, caracterizou-se por ser o momento em que a sociedade transitou do *teocentrismo* para o *humanismo*. A centralidade deixa de ser a fé e passa ser a razão.

A educação cristã reagiu fortemente para que a igreja não perdesse sua influência em meio a tantas mudanças, numa sociedade que, paulatinamente, se afastava das doutrinas cristãs.

Ideais reformistas passam a ser fomentados por grupos insatisfeitos com o regime político e o espírito nacionalista cresce. A invenção da imprensa em 1455, por Gutemberg, foi outro fenômeno que impulsionou a Reforma. Essa invenção modificou a cultura leitora e notadamente o acesso aos livros, fazendo-os circular em larga escala.

A Bíblia, por exemplo, na Idade Média custava o salário anual de um operário. E esse livro foi o primeiro a ser produzido na prensa de Gutemberg (FERREIRA, 2002), fato que impulsionou a tradução e a circulação em todos os idiomas da Europa.

Os novos ensinamentos dos ideais reformistas eram escritos e publicados em livros e folhetos, com grande circulação na Europa. De certo, o nome de maior destaque é o de Lutero, mas outros movimentos aconteceram e exerceram grandes influências sobre o ensino cristão.

Martinho Lutero, no entanto, seria o nome de maior difusão. Monge agostiniano, doutor e professor de Teologia, cuja motivação era reformar os ensinamentos teológicos e os comportamentos morais da igreja, subsidiado pelos ensinamentos e princípios bíblicos. Defendeu uma educação que promovesse uma consciência da justificação pela fé e contrária ao aspecto comercial da venda de indulgências. Elaborou, assim, as teses que expressaram o descontentamento frente ao forte império no qual a igreja havia se transformado (CARVALHO, 2000).

Esses acontecimentos afetaram a educação, ao defender a tradução da Bíblia para o idioma vernáculo, tornando ampla a sua divulgação; o avivamento da pregação e da doutrina; ensino familiar da Bíblia; fundação de escolas cristãs para os jovens e a adoção da ideia de que toda a educação é ou deve ser uma unidade, mesclando conteúdos religiosos e humanistas.

Ao longo dos tempos o fator educacional a religião e nas práticas educativas foi se consolidado como um estatuto de importância. Nas ações educativas da igreja evangélica¹⁸, por exemplo, a respeito da formação e do discipulado de seus membros, as *escolas dominicais* são a forma mais explícita do ensino na igreja.

O objetivo dessas reuniões seria, prioritariamente, o ensino das Escrituras Sagradas. Nesse sentido as Escolas Bíblicas Dominicais (EBDs) convalidam-se numa iniciativa formalizada de ensino nas igrejas. São organizadas com currículo, proposta, material didático-pedagógico, corpo docente, gestão, entres outros elementos, com base em seus pressupostos confessionais¹⁹.

¹⁸Do Evangelho; conforme manda o Evangelho; que segue a lei de Cristo. Disponível em: <https://afontedeinformacao.com/biblioteca/artigo/read/94629-o-que-significa-na-igreja-evangelica>

¹⁹ As convenções e/ou denominações a que a igreja pertence. Exemplo: Convenção Batista Nacional, Convenção das

Foi na Inglaterra, metade do século XVIII, que o conceito de uma escola na igreja começou a ser difundido, embora sua criação não tivesse acontecido para, prioritariamente, o ensino religioso.

No ano de 1780 um jornalista chamado Robert Raikes, ficaria conhecido como o pai da Escola Dominical. Esse fato se deu por Raikes recrutar crianças e jovens que viviam nas ruas, sem acesso a escola, para frequentar um espaço de ensino aos domingos. O jornalista contratou professores, para ensinar crianças e jovens que trabalhavam na fábrica, e que não podiam frequentar a escola (ARMSTRONG, 1994).

A iniciativa ideia de Raikes expandiu-se para outras cidade da Inglaterra, e outras igrejas passaram a organizar espaços educativos similares – escolas dominicais.

Em 1785, foi fundada por um diácono batista, Willian Fox, a *Sunday School Society*. Essa foi a primeira organização para promover Escolas dominicais, com a proposta de unificar um currículo, para ensino e para desenvolvimento integral. O movimento teve um expoente vertiginoso a ponto de 250 mil crianças estarem matriculadas em toda Inglaterra, no ano de 1797 (ARMSTRONG, 1994).

A proposta de EBDs chega à América do Norte, seguindo a mesma estrutura da Inglaterra: o ensino e alfabetização de crianças desprovidas de recursos. No entanto, esse ensino passa por uma dimensão evangelizadora, tornando-se um instrumento fundamental de educação das igrejas protestantes e evangélicas.

Foi fundada em 1872 a Convenção Internacional de Escolas Dominicais, a partir de um plano para adoção de parâmetros uniformes e internacionais. A expectativa era que em qualquer denominação, nos domingos, todos estudassem o mesmo texto bíblico.

A proposta foi exitosa, colaborando para um sistema de “lições” internacionais, que eram distribuídas por meio das organizações missionárias e traduzidas para vários idiomas.

As EBDs, ao longo dos tempos, foram se consolidando e atualmente são componentes dos cultos das igrejas evangélicas (e protestantes) em todo o mundo, para o ensino da Bíblia, de acordo com as instituições em suas organizações curriculares do ensino.

Embora, não seja alvo da discussão tecida aqui, vale lembrar as ações educativas na Igreja Católica: “A catequese é uma *educação da fé* das crianças, dos jovens e dos adultos, que compreende especialmente o ensino da doutrina cristã, ministrado em geral dum modo orgânico e sistemático, em ordem à iniciação na plenitude da vida cristã”²⁰.

A catequese se configura num espaço educativo destinado ao ensino da doutrina católica.

Assembleias de Deus. Os ministérios desenvolvem o currículo para o ensino e a institucionalização do ensino em suas igrejas.

²⁰ Cf. João Paulo II, Ex. ap. *Catechesitradendae*, 18: AAS 71 (1979) 1292. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html Acessado em 03 de fevereiro de 2023.

CONSIDERAÇÕES

Os pressupostos históricos educacionais, a respeito do ensino cristão, esboçados até aqui, perfazem o pano de fundo para a compreensão do fenômeno da educação cristã na construção das experiências educativas.

A educação se traduz em transformação; na passagem de um estado a outro. Nessa perspectiva, o ensino no *habitus* religioso deve fomentar uma práxis que promova a ética, por meio da teoria e da prática. Busca-se a corporificação da palavra pelo exemplo, ao menos em tese.

Durante toda a história do cristianismo e no período que antecedeu o mesmo, o ato de ensinar tornou-se o instrumento que orientava o povo a andar em conformidade com a vontade divina revelada em sua Palavra.

Com o estabelecimento organizativo do cristianismo, o ensino torna-se oficialmente um dos ofícios ministeriais instituídos pelo apóstolo Paulo. A tradição de perpetuação da fé por meio do ensino, fundada por Moisés, é ratificada no cristianismo.

Ao longo da história, a educação confere à fé cristã, especialmente ao protestantismo, um de seus baluartes na expansão e continuidade de sua profissão. A escolaridade estaria para a sociedade, assim como o ensino estaria para a igreja.

A ação docente é um fator ora explícito nas igrejas, ora envolto na sua mensagem. O “ide e fazei discípulos” expõe o fator educacional e instrutivo que o evangelho anuncia.

As bases educacionais de uma Teologia da Educação derivam-se do conhecer a Deus e de fazê-lo conhecido. No entanto, a responsabilidade com o conhecido traz a perspectiva de mudança de consciência e de comportamento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. de. **Teologia da Educação Cristã**. A missão educativa da Igreja e suas implicações bíblicas e doutrinárias. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

ARANHA, M. L. de A. **Filosofia da Educação**. 2ed. São Paulo: Moderna, 2000.

ARMSTRONG, H. **Bases da Educação Cristã**. Tradução de Merval de Souza Rosa. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida. Edição revista e corrigida na grafia simplificada. 2. ed. São Paulo: Geográfica, 2001.

BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985.

CALVANI, C. E. B. A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil. **Revista Pistis&Praxis: Teologia e Pastoral**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 53-69, jan./jun. 2009.

CARVALHO, A. V. **Teologia da Educação Cristã**. São Paulo: Eclésia, 2000.

FERREIRA, F. **A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

GRENZ, J. OLSON, Roger E. **Teologia do Século 20**. Editora Cultura Cristã, 2003.

JOÃO PAULO II, Papa. **Catechesitradendae, Exortação Apostólica Catechesi Tradendae (sobre a Catequese no nosso tempo)**. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html Acessado em 03 de fevereiro de 2023.

MATOS, A. S. Breve história da Educação Cristã – Dos Primórdios ao século 20. **Fides Reformata**, São Paulo, v. XIII, n. Especial, p. 1-24, 2008.

PAIDEIA. In: ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

PAULA, E. M. A. T. de, MACHADO, É. R. **A Pedagogia Social na Educação: análise de perspectivas de formação e atuação dos educadores sociais no Brasil**. In *Proceedings of the 2nd II Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2008, São Paulo (SP) [online]. 2009 [cited 15 May 2023].

PEDROSO, A. C. de C. (1987). **Filosofia e teologia**. *Revista Da Faculdade De Direito, Universidade De São Paulo*, 82, 14-27. Recuperado de <http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67091>

SANTOS, B. F. dos, MARTINS, V. L. **Educação E Missões: Um Enfoque Sobre A Pedagogia Social**. São Paulo: 2016.

SANTOS, D. L. J. **Identidades Religiosas: subjetividades em conflito na formação de professores**. Orientador: Lívia Alessandra Fialho da Costa. 2016. 264 f. Tese (Doutorado em Educação e Contemporaneidade) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

SOUZA, S. R. M. **Cura e terapia: experiência religiosa de mulheres pentecostais – SSA**, EDUNEB, 2012.

STEIN, E. **Na Força da Cruz**. trad.HermanBaakem. Ed. Cidade Nova, 1982.

TEIXEIRA, Patrícia Espíndola de Lima. A antropologia de Edith Stein como paradigma da educação. Disponível em <https://editora.pucrs.br/anais/seminario-internacional-de-antropologia-teologica/assets/2016/17.pdf> Acessado em 27/01/2023

TOSCANO, M. **Introdução a Sociologia Educacional**. Petrópolis: Vozes, 2001.

*Recebido em: 16 de maio de 2023.
Aprovado em: 06 de junho de 2023.*